

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR  
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – EAD  
POLO CERRO LARGO

ADRIANA ARLETE WEISHEIT

COMO FICOU O ENSINO DA GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA  
DE COVID-19?:  
UM ESTUDO DE CASO EM CERRO LARGO/RS E UBIRETAMA/RS

TRAMANDAÍ/RS

2022

Adriana Arlete Weisheit

COMO FICOU O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA DE  
COVID-19?:  
UM ESTUDO DE CASO EM CERRO LARGO/RS E UBIRETAMA/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em  
Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul, polo de Cerro Largo.

Orientador: Prof. Dr. André Baldraia

Tramandaí/RS

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Weisheit, Adriana Arlete  
COMO FICOU O ENSINO DA GEOGRAFIA EM TEMPOS DE  
PANDEMIA DE COVID-19?: / Adriana Arlete Weisheit. --  
2023.  
43 f.  
Orientador: ANDRE BALDRAIA.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus  
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,  
BR-RS, 2023.

1. Geografia. 2. Ensino de Geografia. I. BALDRAIA,  
ANDRE, orient. II. Título.

Adriana Arlete Weisheit

COMO FICOU O ENSINO DE GEOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA  
DE COVID-19? UM ESTUDO DE CASO EM CERRO LARGO/RS E  
UBIRETAMA/RS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em  
Geografia da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Polo de Cerro Largo.

Orientador: Prof. Dr. André Baldraia

Tramandaí, 19 de Janeiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

André dos Santos Baldraia Souza, Dr.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, Dra.  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Simoni Teresinha Jablonski Marmilicz, Me.  
Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul

Dedico este trabalho em primeiro lugar a mim mesma por ter superado barreiras e desafios, aos meus filhos, Maria Clara e Felipe, ao meu orientador Professor André, que sempre acreditou em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Os meus maiores agradecimentos vão à minha família, meus filhos em especial que permaneceram juntos nesta caminhada, por cada palavra de apoio e incentivo, durante os momentos de maiores dificuldades, em todo este tempo da licenciatura.

Ao meu orientador André Baldraia, por sua infinita paciência e disponibilidade que sempre demonstrou durante esta caminhada, suas sugestões, ideias e correções, foram de suma importância para o resultado final.

Aos meus colegas pelo companheirismo e por cada momento partilhado, não só nas salas de aulas, mas ao longo de todo o curso.

Aos professores e todos aqueles que de uma forma ou outra contribuíram com os seus ensinamentos e trocas de conhecimentos que me trouxeram até aqui, vai a minha maior gratidão.

Obrigada a todos que fizeram parte desta caminhada.

## RESUMO

A geografia é uma das disciplinas mais relevantes para o estudo na educação básica, uma vez que ajuda a explorar e compreender o espaço e o lugar. Em tempos de covid-19, o debate sobre o espaço mostrou-se essencial. Por conta disso, nesse trabalho buscamos analisar os eventuais impactos à educação e ao ensino de geografia nos municípios de Ubiretama e de Cerro Largo/RS. Para isso, fizemos uma análise qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas junto a docentes e discentes da disciplina de geografia de duas escolas estaduais. Constatou-se que a pandemia trouxe mudanças no processo educacional que foram sentidas de forma muito acentuada, não só pelos professores – que precisaram se adequar a uma realidade nova de ensino de maneira brusca e rápida – mas também pelos alunos, que precisaram reaprender uma nova maneira de estudar, sem seus colegas de classe e sem o apoio presencial dos professores.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Educação. Pandemia de Covid-19.

## **ABSTRACT**

Geography is one of the most relevant subjects to study in basic education, as it helps to explore and understand space and place. In times of covid-19, the debate about space has proved to be essential. Because of this, in this work we seek to analyze the possible impacts on education and the teaching of geography in the municipalities of Ubiretama and Cerro Largo/RS. For this, we carried out a qualitative analysis, through semi-structured interviews with teachers and students of the discipline of geography in two state schools. It was found that the pandemic brought about changes in the educational process that were felt very sharply, not only by teachers - who had to adapt to a new teaching reality in a sudden and quick way - but also by students, who needed to relearn a new way to study, without your classmates and without the face-to-face support of teachers.

**Keywords:** Teaching of Geography; Education; Covid-19 Pandemic.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – As aulas estão sendo executadas como antes da Pandemia Covid-19? Se não quais as diferenças? .....	30
Figura 1 – Localização de Ubiretama (em vermelho) e Cerro Largo (em azul).....	24
Figura 2 – Você tem tido dificuldade em interagir com os educandos após a volta às aulas presenciais? .....	29
Figura 3 – Você diria que seu aproveitamento nesse semestre foi bom? .....	30
Figura 4 - Quais conteúdos de Geografia você estudou antes e durante a Pandemia Covid-19?.....	31

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1	JUSTIFICATIVA.....	12
1.2	OBJETIVOS.....	13
1.2.1	Objetivo geral.....	13
1.2.2	Objetivos específicos.....	13
<b>2</b>	<b>O ENSINO DA GEOGRAFIA EM RETROSPECTIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>COVID-19 E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO.....</b>	<b>20</b>
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
4.1	ÁREA DE ESTUDO.....	24
4.2	AMOSTRA.....	25
4.3	COLETA DE DADOS.....	25
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>26</b>
5.1	A PERSPECTIVA DOS DOCENTES QUANTO AO ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA.....	26
5.2	A PERSPECTIVA DOS DISCENTES QUANTO AO ENSINO DURANTE A PANDEMIA .....	28
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>36</b>
	<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS.....</b>	<b>39</b>
	<b>ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS .....</b>	<b>40</b>

Quando propugnamos uma nova geografia, isso pode, à primeira vista parecer uma enorme pretensão, como se nos dispuséssemos a inventar o novo. A verdade, porém, é que tudo está sujeito à lei do movimento e da renovação, inclusive à ciência. O novo não se inventa, se descobre-se.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova, pag. 17.

## 1 INTRODUÇÃO

Levando em consideração a importância cada vez mais latente de questões relacionadas às mudanças climáticas, migrações, degradação ambiental, epidemiologia e desigualdades diversas, entende-se que a geografia é uma das disciplinas mais relevantes para o estudo na educação básica. A geografia ajuda a explorar e compreender o espaço e o lugar – reconhecendo as vastas diferenças de culturas, sistemas políticos, economias, paisagens e ambientes ao redor do mundo. Além disso, possibilita explorar as conexões entre eles, proporcionando mecanismos de contato entre os diversos campos do saber

A compreensão de diferentes culturas com base em sua área geográfica é fundamental para poder se relacionar como parte da comunidade global. Afinal, as sociedades possuem uma base espacial sobre a qual sobrevivem. A geografia permite que eventos locais sejam analisados no contexto particular e também a estabelecer os liames que eles requerem.

Considerando os aspectos acima, deve-se pensar em como houve mudanças significativas no processo de aprendizagem e de ensino durante a pandemia no nível da educação básica. Sendo assim, como objetivo geral o estudo de caso na escola de Cerro Largo/RS e na escola de Ubiretama/RS, vem como resposta sobre as principais modificações no ensino da geografia no período da pandemia Covid-19.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

A pandemia de Covid-19 trouxe dificuldades para o ensino, obrigando escolas, professores e funcionários a se adequarem à realidade de ensino remoto em um curto espaço de tempo. Tendo isso em vista, presume-se que o ensino de diversas disciplinas foi afetado por estas mudanças, e torna-se importante compreender de que forma os estudantes e professores sentiram estas mudanças, o fizemos formulando o seguinte problema de pesquisa: “Quais foram as principais modificações no ensino da geografia em tempos de pandemia nas escolas de Cerro Largo/RS e de Ubiretama/RS?”.

Levando em consideração todas as consequências recorrentes de uma pandemia, houve a inquietação de analisar o contexto dos professores e dos alunos,

bem como as maiores dificuldades enfrentadas por estes para lidar com as questões educacionais em tempos de aulas remotas. Este tema é de extrema relevância pois entender de que forma alunos e professores são afetados em uma situação como esta pode contribuir na busca por soluções e otimizações no processo de aprendizagem remota.

## 1.2 OBJETIVOS

O objetivo deste trabalho é analisar como o ensino de geografia foi afetado no contexto da pandemia de covid-19. Visando uma análise mais particularizada, foi analisado o contexto de duas escolas públicas localizadas nos municípios de Cerro Largo e de Ubiretama, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

### 1.2.1 Objetivo geral

Estudo de caso do ensino da geografia, nas cidades de Ubiretama/RS e Cerro Largo/RS, buscando identificar as principais modificações no ensino da geografia no período da pandemia de Covid-19.

### 1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar as principais dificuldades pedagógicas enfrentadas pelos professores e pelos alunos durante a pandemia Covid-19.
- Análise do processo de ensino e de aprendizagem dos conteúdos de geografia para discentes e docentes durante a pandemia Covid-19.

## 2 O ENSINO DA GEOGRAFIA EM RETROSPECTIVA

Para pensar o ensino de Geografia é necessário pensá-la não apenas como uma disciplina escolar, mas como um saber que, partindo do conhecimento sobre o mundo, acumulado ao longo do tempo, tornou-se uma ciência. Enquanto ciência, a geografia buscou estabelecer seu objeto de estudo e a empregar diversas metodologias para a realização de pesquisas.

Nos últimos séculos houve em todo o mundo um acúmulo muito grande de conhecimentos geográficos, tanto empíricos quanto teóricos. Após as grandes descobertas marítimas, este conhecimento avançou ainda mais, sendo que logo após as expedições científicas realizadas no continente africano, americano e asiático, ocorreu a chamada institucionalização da Geografia (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

Segundo as autoras, a constituição da Geografia como ciência ao final do século XIX possuía dois entraves importantes (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p. 42):

[...] o primeiro dizia respeito à sua ligação com a História, da qual era servidora – ou seja, cumprindo o papel de apenas fundamentar aspectos e fatos históricos; o segundo problema referia-se às relações entre a natureza e o homem. A Geografia da época aceitava a influência quase absoluta do meio biofísico sobre o homem. Mesmo quando a Geografia humana se desenvolveu como um corpo de conhecimentos sistematizados, essa ideia permaneceu.

Conforme Reclus (1903), renomado geógrafo francês, que se destacou em sua época por apresentar ideias muito diferentes de seus companheiros de profissão, a geografia trata da necessidade intrínseca do ser humano em compreender o meio em que está inserido. Para o autor, o ser humano, antes de aprender, precisa compreender através da observação do que se encontra ao seu redor.

Mesmo naquela época, Reclus trazia uma visão extremamente atualizada no que se refere ao ensino desta disciplina tão importante, como mostra a tradução de Nabarro (2021, p. 6):

O professor pede ao aluno um ato de fé porque se pronuncia para além dos termos aos quais a criança compreende o sentido. Sabe recitar, sem hesitação, os nomes dos “cinco rios da França, dos três cabos, dos dois

golfos e do estreito”, mas não relaciona esses nomes a nenhuma realidade específica. E como poderia fazê-lo, já que o seu professor também nunca lhe mostrou nenhuma das coisas das quais falou, mesmo algumas estando na rua, em frente à porta da escola, ou em riachos ou poças formadas pelas chuvas?

O geógrafo francês clama pelo retorno dos professores à natureza. Sugere que os professores de geografia não deveriam iniciar o ensino desta disciplina através de pesados livros e grandes mapas de difícil interpretação, mas sim através da visualização prática dos alunos, levando em consideração a região ou país de localização, já que as paisagens naturais mudam drasticamente, podendo ser regiões litorâneas, pantanosas, margens de rios, e possui variações nas rochas comumente encontradas e no relevo do local.

Muitas pessoas podem questionar, no mundo atual, a possibilidade prática da realização destas atividades de observação, principalmente em grandes cidades. Entretanto, até isso Reclus previu, e tem a solução, como pode ser observado (NABARRO, 2021, p. 7):

Mesmo se o local onde habitássemos fosse pouco favorecido pela natureza, se não houvesse um único riacho em suas proximidades, ao menos esporadicamente teríamos a oportunidade de ver a chuva caindo, que nos proporcionaria riachos temporários, com leitos, bordas, corredeiras, represas, calhas, percursos, meandros e confluências. O que poderíamos aprender? A infinita variedade de fenômenos hidrológicos?

Existem alguns estudiosos que podem ser considerados os precursores no estudo e ensino da Geografia como uma ciência, como Alexander von Humboldt e Karl Ritter, que, no século XIX, compunham a chamada Geografia Científica. Também na Alemanha, pode-se citar Friedrich Ratzel, e sua Antropogeografia. Alguns anos mais tarde, a França também encontrou seu espaço na contribuição ao pensamento geográfico, com destaque para as contribuições realizadas por Vidal de La Blache (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

No Brasil, a trajetória da Geografia como uma disciplina escolar data de 1837, quando foi implantada no Rio de Janeiro, na escola Pedro II. Mas, foi no começo do século XX que a geografia se consolidou como disciplina nas escolas brasileiras. Inicialmente, a abordagem adotada era a chamada geografia regional, ao moldes daquela praticada na França, ou seja, os estudos baseavam inicialmente em bases, nas áreas onde os alunos estavam inseridos, já que o Brasil contém proporções

continentais e, por conta disso, uma grande variação de aspectos geográficos. Em 1934 o ensino da Geografia chegou às universidades brasileiras (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

A chegada da chamada missão francesa ao Brasil foi essencial para o fortalecimento desse campo do saber. Intelectuais como Roger Bastide, Pierre Deffontaines e Pierre Monbeig estiveram no Brasil com o objetivo de ajudar na institucionalização das ciências sociais nas universidades brasileiras. Este último foi essencial à consolidação do jovem curso de Geografia e História da Universidade de São Paulo.

Na década de 1950, Pierre Mombeig, afirmava a importância da valorização do ensino de Geografia nas escolas. Para ele, o ensino de Geografia não deveria ocorrer exclusivamente por meio da repetição e da memorização de nomes, cidades, rios, montanhas, etc. Embora a memorização de algumas nomenclaturas seja, evidentemente, necessária ao aprendizado, o autor sugere que (MONBEIG, 1957, p. 86):

[...] um bom ensino de geografia, como qualquer outro ensino, não pode deixar de recorrer à memória. É necessário reduzir sem medo a massa de nomes insípidos e de pormenores sem valor; é necessário, sobretudo, reduzi-la a proporções mais justas. Impõe-se uma escolha ao professor, a quem cabe a difícil tarefa de exercitar a memória com inteligência.

A manutenção de materiais didáticos e de metodologias de ensino de geografia baseadas na memorização de lugares foi bastante explorado em estudos sobre a temática. No período da ditadura militar brasileira, nos anos 1970, a geografia e a história foram extintas dos currículos escolares entrando em seu lugar os estudos sociais e a educação moral e cívica. A mudança de nome, contudo não alterou as metodologias de ensino.

Em que pese essa mudança no currículo escolar, muitos foram aqueles que mantiveram uma posição crítica em relação à Geografia e à Geografia ensinada na escola. No final da década, Milton Santos, um dos nomes mais renomados da Geografia Brasileira, publicou a obra *Por uma Geografia Nova*, e foi a partir de então que se iniciaram movimentos para impulsionar e renovar o processo de ensino e aprendizagem desta disciplina tão relevante (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

A chamada Geografia Crítica, que pode ser considerada uma corrente ou mesmo uma nova linha de pensamento que foca, principalmente, em uma análise do espaço cultural e das relações sociais, como por exemplo a análise de guerras, questões econômicas, a relação do meio rural e do urbano, etc. Desta forma, a geografia crítica chegou com o intuito de romper com a chamada “geografia tradicional”, que era focada em aspectos teóricos e quantitativos, e trazer análises mais aprofundadas e, evidentemente, críticas (VESENTINI *et al.*, 1987).

No Brasil, pode-se dizer que a Geografia Crítica chegou de fato ao país no ano de 1978, como lembra Campos (2001). Conforme o autor, foi a partir do Encontro Nacional dos Geógrafos, promovido pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), no ano de 1978, que passaram a surgir de maneira mais frequente debates que incitavam o papel social inerente ao ensino da Geografia. Desta forma, a também denominada Nova Geografia ou Geografia Radical conquistou adeptos no Brasil, trazendo como objetivo a transformação da sociedade.

Para Vesentini *et al.* (1987, p. 85), o professor que tem interesse em implementar uma Geografia Crítica em seu método de ensino “deve procurar aprender constantemente, evitando os costumes antolhos ou ideias preestabelecidas que limitam a percepção do real”. A partir desta perspectiva, torna-se possível compreender que o intuito da Geografia Crítica é fazer com que o aluno pense, estimulando a reflexão, deixando de lado a mera memorização de dados e informações (KAERCHER, 2004).

Kolb (1984, apud PIMENTEL, 2007), renomado teórico educacional americano, defende um modelo integrado de ensino, aliando teoria e prática. Para o autor, quando o aluno é estimulado a desempenhar o papel tanto de ator quanto de observador, ele pode realizar a interação e adquirir a experiência, aplicando o raciocínio abstrato e teórico.

A dificuldade em atrair e motivar os alunos nas aulas de geografia foi explanada por Cavalcanti (2010). A autora relata que os estudantes não demonstram interesse pelo conteúdo abordado nas aulas de geografia, muito embora estes conteúdos reflitam a realidade do dia a dia. Conforme o autor (CAVALCANTI, 2010, p. 3):

Se a tarefa do ensino é tornar os conteúdos veiculados objetos de conhecimento para o aluno e se a construção do conhecimento pressupõe

curiosidade pelo saber, esse é um obstáculo que precisa efetivamente ser superado. Para despertar o interesse cognitivo dos alunos, o professor deve atuar na mediação didática, o que implica investir no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla. Nesse sentido, o papel diretivo do professor na condução do ensino está relacionado às suas decisões sobre o que ensinar, o que é prioritário ensinar em Geografia, sobre as bases fundamentais do conhecimento geográfico a ser aprendido pelas crianças e jovens, reconhecendo esses alunos como sujeitos, que têm uma história e uma cognição a serem consideradas.

Cavalcanti (2010) sugere ainda que os professores devem se manter atualizados de modo a promover maior motivação e engajamento dos alunos. Isso é muito importante quando se leva em consideração que existem novas contribuições investigativas no campo da Geografia constantemente, e o ensino deve seguir esta mesma premissa, inovando nos conteúdos e nos métodos de ensino da disciplina.

Mas como ultrapassar este obstáculo do conteúdo pronto, mastigado e entregue aos alunos ano após ano? Rego e Costella (2019, p. 8) sugerem:

Ultrapassando o ensino que se fundamenta em transmitir conhecimentos em troca e em busca de um ensino que se fundamente na construção de conhecimentos pelos alunos junto com os professores. Dizendo de um modo simples: pesquisa escolar, em vez de significar cópia de conteúdos a respeito de um tema, passa a significar busca por respostas para perguntas feitas também pelos alunos, respostas que podem não estar prontas para serem copiadas dos livros ou da internet.

No livro de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), a formação de professores é abordada como um importante instrumento. Desta forma, ressalta-se a importância de dominar a leitura do espaço em que estamos inseridos, seja por meio da observação dirigida ou da espontânea, ou ainda por meio de entrevistas, produção de registros e pesquisas.

No que se refere ao plano curricular referente ao estudo da Geografia, ao longo dos últimos anos houve mudanças importantes, como citam Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007): até os anos 1980, cabia aos estados e municípios elaborarem seus planos curriculares, sem intervenção federal sob o conteúdo ministrado nas aulas.

Após muitos debates, que se iniciaram na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (CENP) e na USP, verificou-se a necessidade latente de discutir e

abordar diferentes conceitos e abordagens metodológicas no ensino de Geografia. Estas discussões causaram uma ruptura no ensino tradicional de Geografia, trazendo para esta esfera discussões atuais da realidade brasileira (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

Surgiu assim, em 1987, uma abordagem metodológica diferenciada para o ensino desta disciplina, através de uma proposta de aprendizagem que trabalhava a construção de conceitos, e não apenas a memorização pura e simples de conteúdo, evidenciando nestes conceitos a Geografia Crítica discutida anteriormente. Na década de 90, através de Legislação Federal, ficaram instituídos parâmetros curriculares de âmbito nacional, padronizando a grade de conteúdos nas escolas de todo país (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi aprovada em 2017 e trouxe mudanças significativas no ensino brasileiro. Conforme o próprio *website* do Ministério da Educação (MEC, 2022), o objetivo da BNCC é de balizar a qualidade da educação brasileira, estabelecendo um patamar de aprendizagem e de desenvolvimento aos alunos.

Entretanto, existem muitas críticas quanto à efetividade desta lei, conforme cita Guimarães (2018, p. 1041-1042):

Muitos intelectuais defendem que a organização da BNCC pode pôr em risco a autonomia dos professores e a liberdade para a estruturação dos conteúdos contextuais mais significativos para os diversos alunos brasileiros. Nesse sentido, um fato que merece nossa atenção é a ambiguidade do documento ao afirmar que a BNCC não é currículo, mas apenas diretrizes para a elaboração dos currículos pelas escolas. Uma análise do arranjo do documento mostra que essa assertiva pode ser amplamente contestada, pois o texto especifica os conteúdos e os objetivos do ensino. Os conteúdos mínimos já estão definidos no documento, de forma bastante esmiuçada e tecnicista.

Um dos pontos centrais de críticas à BNCC diz respeito ao esvaziamento do ensino de campos do saber tradicionais, como a Geografia. Sob o rótulo da pretensa modernização e atualização dos saberes, há um esvaziamento de compreensão acerca de diversos assuntos tratados com maior profundidade por profissionais especialistas. Ao criar conteúdos abrangentes, como “projetos de vida”, que são desancorados de saberes acadêmicos, a educação, especialmente a pública, concorre para o enfraquecimento educacional, similar ao ocorrido quando da implementação dos Estudos Sociais.

### 3 COVID-19 E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO

Em 2020 o mundo foi paralisado por conta da pandemia de Covid-19. Causada por um vírus, a doença se espalhou com uma velocidade altíssima por todos os continentes, e, de acordo com dados da John Hopkins University (2022), foi a responsável por mais de 6,5 milhões de mortes no mundo, e infelizmente mais de 10% das mortes ocorreram no Brasil (aproximadamente 686 mil até outubro de 2022).

No início da pandemia, os governos precisaram adotar medidas de distanciamento social, com o intuito de frear a disseminação rápida da doença. Esta medida foi necessária para tentar impedir o colapso do sistema de saúde, diminuindo assim o número de infecções e, conseqüentemente, de mortes por Covid-19 (OLIVEIRA, 2021).

Evidentemente, o setor de educação também foi afetado pelas mudanças que ocorreram durante a pandemia, e ainda no primeiro semestre de 2020 as escolas, universidades e centros educacionais brasileiros suspenderam suas aulas presenciais. As aulas passaram a ocorrer, portanto, de forma remota – quando possível, já que esta modalidade exige planejamento e recursos humanos e físicos (OLIVEIRA, 2021).

Na teoria, esse modelo educacional funciona e é eficiente. Todavia, é importante lembrar que diversas instituições de ensino no Brasil se encontram em condição muito precária, seja pelos cortes no orçamento ou pela falta de profissionais habilitados. De que forma, então, seria possível mudar completamente a maneira de ensinar, obrigando professores a ministrarem disciplinas online, sem que seja realizada uma capacitação prévia e sejam concedidos os meios necessários para esta mudança (como acesso adequado a internet e aparelhos eletrônicos como notebooks e smartphones) (CARVALHO FILHO; GENGNAGEL, 2020)?

De acordo com Manfio (2020), a pandemia de Covid-19, embora tenha causado muitos danos e problemas para a sociedade em geral, serviu para trazer em foco uma discussão importante: a revisão dos materiais e metodologias utilizados em sala de aula. Isso não quer dizer que o ensino remoto é a melhor alternativa para a aprendizagem, mas sim que instrumentos didáticos de canais digitais podem contribuir para o aperfeiçoamento das técnicas de ensino, conforme cita a autora (MANFIO, 2020, p. 135):

O que se tem certeza é que o ensino precisa mudar, sair do tradicionalismo, mas a interação diária entre professor e aluno, a presença física na escola é fundamental nesta construção, especialmente na educação básica. E neste contexto, as tecnologias podem sim ser um pano de fundo para contribuir com o ensino, como um acessório.

Manfio (2020) também lembra da importância do papel dos pais ou responsáveis pelos alunos nesta mediação entre professores e estudantes. Segundo a autora, o ensino em ambientes virtuais e interativos permite a organizações de situações de aprendizagem, bem como o planejamento e proposição de atividades, realizando ainda um acompanhamento do desempenho dos estudantes.

Conforme Jesus (2017), o ensino de geografia favorece a interdisciplinaridade, já que busca compreender e observar a dinamicidade que acontece no espaço geográfico. Tendo isso em vista, de acordo com Silva e Nora (2021, p.2):

No ensino de Geografia, o uso dos princípios da educomunicação podem ser assertivas, pois esse campo busca inovações no uso de tecnologias e qualidade das práticas educativas, podendo proporcionar maior interação na transmissão dos conteúdos e aprendizado dos alunos em sala de aula.

O uso de tecnologias digitais se torna ainda mais relevante no ensino de geografia quando se considera que a geração que se encontra, atualmente, no ensino fundamental, nasceu na era digital, e está acostumada a obter informações através de celulares, computadores e tablets. Neste sentido, Silva e Nora (2021, p.3) lembram que:

O uso das mídias digitais na educação geográfica auxilia os alunos no aprendizado através da ludicidade, proporcionando a aproximação com os conteúdos, tendo em vista que estão familiarizados e adaptados com o uso das tecnologias no dia a dia.

Mas como fazer uso de ferramentas digitais e virtuais para a aprendizagem dos estudantes? Existem diversos autores que já sugeriram atividades práticas neste quesito. Jesus (2017), por exemplo, recomenda a utilização de aplicativos e jogos, como o GeoQuiz. Este aplicativo exibe fotografias de paisagens e pontos turísticos de uma cidade ou país, e após esta exibição o usuário deve adivinhar a qual localidade pertencem as fotografias.

Já Carneiro (2019) cita um jogo amplamente conhecido pelas crianças: o Minecraft. Segundo o autor, este jogo permite que sejam criados objetos e cenários a partir de blocos. Este jogo traz noções de espaço geográfico e materiais construtivos, instigando a imaginação e criatividade dos estudantes.

Desta forma, entende-se que conforme o avanço tecnológico, as crianças e até mesmo os adultos se tornaram muito mais digitais. Portanto, esta inserção de novas tecnologias dentro do ambiente escolar pode beneficiar o ensino e a aprendizagem, se utilizado da forma correta.

Em estudo conduzido por Lunardi *et al.* (2021), os autores buscaram compreender as principais dificuldades e estratégias utilizadas por pais de alunos para facilitar o aprendizado no ensino remoto durante a pandemia. Os autores constataram que o acesso à internet, a administração do tempo e também os problemas de concentração foram as maiores dificuldades no ensino remoto. Já as estratégias utilizadas para tentar remediar estes problemas foram a organização de uma rotina diária de estudos, bem como o acompanhamento e auxílio dos pais no processo de aprendizagem dos filhos.

Costa *et al.* (2021) também identificaram alguns percalços enfrentados pelos estudantes no ensino remoto. Os autores verificaram que alguns estudantes relataram prejuízos de aprendizagem durante a pandemia, como estresse, ansiedade e dificuldade de concentração e fixação de conteúdo. Entretanto, também foram ressaltados pelos discentes alguns pontos positivos do ensino remoto, como a flexibilidade de horários e o conforto de estar estudando em casa.

## 4 METODOLOGIA

Para o presente trabalho de pesquisa foi utilizado o método de levantamento bibliográfico no Google Acadêmico, para tanto foram definidas duas palavras-chaves de busca: ensino de geografia, Pandemia de COVID-19, como resultado da pesquisa obteve-se 4.780 resultados utilizando da revisão qualitativa bibliográfica. Após a averiguação dos conteúdos e títulos, foram selecionadas 21 publicações que abrangiam o tema proposto e puderam contribuir para a elaboração deste trabalho, dentre artigos, livros e dissertações. Para filtrar as publicações encontradas, foram excluídas publicações em língua estrangeira, bem como publicações com acesso pago ou que, ao aprofundar a leitura, observou-se que não contemplavam o tema proposto.

Vislumbramos inicialmente analisar o ensino de geografia na região de Cerro Largo.

O município de Cerro Largo possui 3 escolas estaduais e 8 escolas municipais. Já o município de Ubiretama possui 1 escola estadual e duas municipais. Foi utilizada a metodologia da exploração do tema, aplicando de forma presencial o formulário, tendo como objetivo geral a busca pela resposta do problema. A área de amostragem foi de 2 escolas, uma no Município de Ubiretama/RS e a outra no município de Cerro Largo/RS. A escolha de Ubiretama se deu em virtude de que este é o município em que a autora do trabalho reside, e escolheu-se Cerro Largo pela logística, já que são cidades próximas e pertencem à mesma CRE. Foram entrevistadas apenas duas turmas (alunos e professoras) pois os demais não demonstraram interesse em participar da pesquisa.

O Colégio Estadual Athayde Pacheco Martins da cidade de Ubiretama/RS é a única escola de ensino médio, nela a amostra de pesquisa foi de 33 alunos do 2º e 3º ano e um professor de Licenciatura em geografia. A outra Escola Estadual de Educação Básica Eugênio Frantz da cidade de Cerro Largo/RS, a amostra foi de 15 alunos do 1º ano e 1 professor de Licenciatura em Geografia. O último passo metodológico trabalhado se deu pela roteirização dos tópicos de pesquisa e seu desenvolvimento.

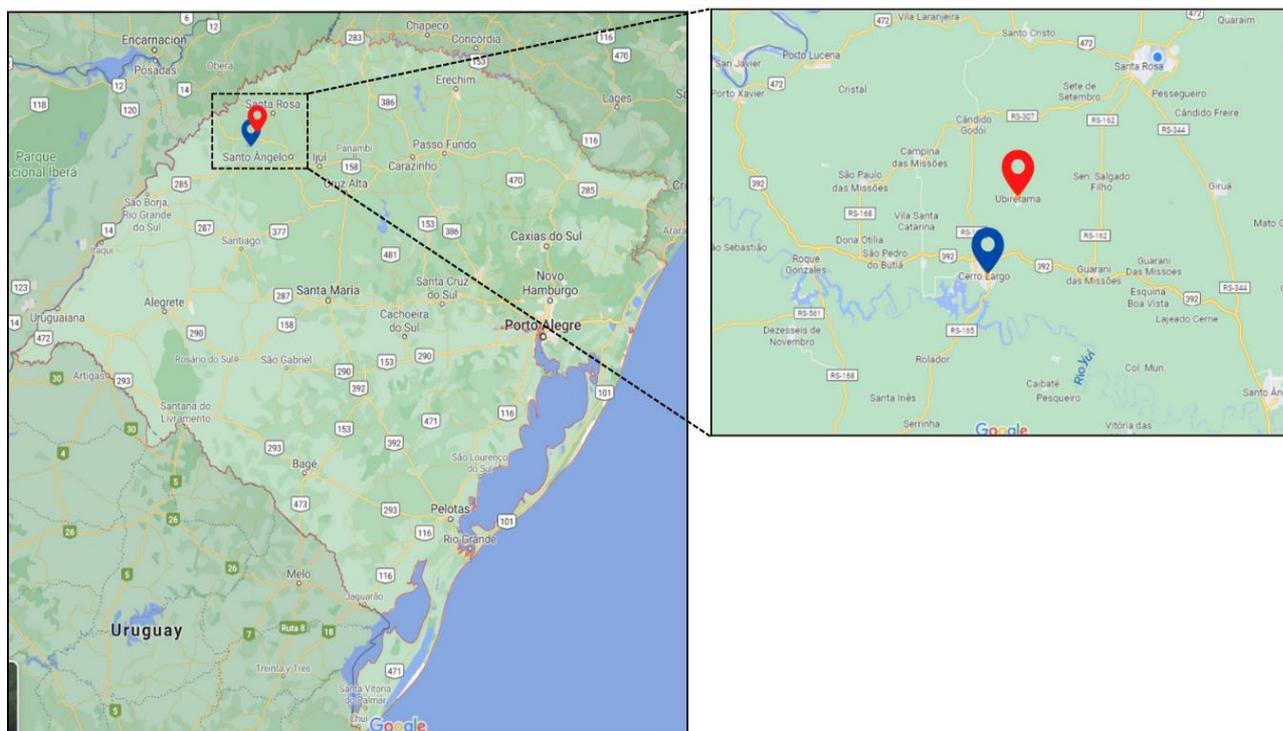
A natureza da presente pesquisa pode ser definida como qualitativa, já que objetiva a compreensão acerca do tema proposto levando em consideração a ótica

dos entrevistados. Esta pesquisa, portanto, não se atenta à representatividade numérica dos sujeitos analisados, levando em consideração, principalmente, aspectos de compreensão realizados a partir de uma amostra específica. Além disso, a pesquisa qualitativa permite que o pesquisador compreenda e explique o “porquê” de seus resultados, através da análise comparativa com outros estudos semelhantes já realizados (JARDIM; PEREIRA, 2009).

#### 4.1 ÁREA DE ESTUDO

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do município de Ubiretama e outra escola estadual do município de Cerro Largo. Ubiretama localiza-se a aproximadamente 500 km da capital, Porto Alegre, e possui uma população estimada de 1.952 habitantes (IBGE, 2021), sendo que este número vem caindo ano após ano. Cerro Largo, por sua vez, possui uma população estimada de 14.243 habitantes (IBGE, 2021). A localização dos municípios pode ser observada na Figura 1:

Figura 1 – Localização de Ubiretama (em vermelho) e Cerro Largo (em azul)



Fonte: A Autora (2022).

## 4.2 AMOSTRA

Como relatado anteriormente, esta pesquisa foi realizada em uma escola no município de Ubiretama e em uma escola de Cerro Largo. Os sujeitos da pesquisa foram, na primeira etapa do estudo, duas docentes das escolas, que ministram as aulas de geografia para alunos do ensino médio. As docentes foram identificadas como A e B, de modo a preservar sua identidade. Além disso, na segunda etapa da pesquisa, foram entrevistados 48 discentes.

## 4.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados desta pesquisa, fez-se uso de uma entrevista semiestruturada. As perguntas foram elaboradas previamente, sendo 5 questionamentos para as docentes (ANEXO A) e oito para os discentes (ANEXO B). Os questionários foram aplicados presencialmente, e foi dada abertura para que os respondentes realizassem suas considerações acerca das mesmas, sendo que toda a pesquisa foi composta por questões abertas.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir serão apresentados e discutidos os resultados obtidos. A primeira seção refere-se às entrevistas realizadas com as docentes, enquanto a segunda seção traz os dados obtidos pela entrevista aos discentes.

### 5.1 A PERSPECTIVA DOS DOCENTES QUANTO AO ENSINO DE GEOGRAFIA DURANTE A PANDEMIA

Foram entrevistadas duas professoras da rede estadual de ensino, que ministram aulas para o ensino médio. Constatou-se que a professora A leciona há 12 anos, enquanto a professora B, há 11 anos. Percebe-se que ambas as professoras possuem bastante experiência na profissão, o que sugere que já passaram por vários desafios, como também por muitas experiências e aprendizados.

Ao serem questionadas acerca do maior desafio enfrentado durante a pandemia para ensinar remotamente aos alunos, a professora A respondeu que:

Foi principalmente encontrar uma forma eficiente de ter de estabelecer contato com os estudantes e planejar atividades que minimamente dessem condições de os mesmos aprenderem parte do que se esperava em cada uma das turmas. Além disso, mantê-los motivados para que realizassem ou planejassem uma rotina de estudos também foi desafiador.

Já a professora B elencou como principais problemas a “falta de recursos tecnológicos por parte dos educandos e falta de acesso”. Estas dificuldades também foram citadas em outros trabalhos, como no realizado por Costa *et al.* (2021, p. 83), que citaram a “a não disponibilidade dos recursos tecnológicos para todos e a falta de acesso a uma internet de qualidade, além da falta de um ambiente adequado para os estudos”.

A próxima pergunta questionava acerca do suporte da instituição de ensino no desenvolvimento das aulas remotas, ao que a professora A respondeu:

Na medida do possível, dentro das condições, tivemos suporte da escola. Inicialmente com a organização dos grupos de whatsapp com aqueles que dispunham dessa ferramenta e posteriormente, da própria Secretaria Estadual de Educação que possibilitou o uso do Google, com as salas de

aula virtuais que permitiram fazer o meet e o encaminhamento das atividades assíncronas.

Além disso, a professora B citou que a escola forneceu computadores para que os docentes conseguissem desenvolver as atividades. Este suporte oferecido pelas escolas muitas vezes depende não só da boa vontade dos gestores, mas também dos recursos, que muitas vezes a escola não dispõe. Entretanto, observou-se que no caso das escolas analisadas neste estudo, foi possível prestar o devido auxílio para que os professores desempenhassem suas atividades.

Acerca do aspecto comportamental dos estudantes, foi feito o seguinte questionamento às professoras: Como os alunos eram antes da Pandemia Covid 19 e como eles são agora, após a Pandemia Covid 19? Ao que a professora A respondeu:

Antes da pandemia, ao menos aparentemente eram mais focados e menos dependentes da tecnologia. Atualmente, depois da maior inserção de ferramentas tecnológicas os estudantes estão mais dispersos e em busca de resultados rápidos, como se tudo, assim como na internet, estivesse ao toque das mãos, quando sabemos que na prática não é assim que funciona. Para ter resultados, para aprender é preciso fazer o que é considerado tradicional, ler, escrever, exercitar, raciocinar e às vezes é o que os estudantes não querem.

A professora B, por sua vez, relatou que antes da pandemia os alunos “eram adolescentes/jovens mais ativos e participantes das aulas, possuíam dificuldades, porém hoje as dificuldades são maiores, há muitas dificuldades de concentração nas tarefas”.

Estes relatos vão de encontro ao observado por Santos, Júnior e Dias (2020), que um desaceleramento no desenvolvimento dos alunos durante o ensino remoto, tanto em escolas particulares quanto públicas.

Por fim, as docentes foram questionadas: Durante o período de aulas remotas, o que você como professor(a) notou, os alunos tinham suporte para as aulas? A família ajudava? Ao que a professora A respondeu:

A ajuda das famílias foi, dentro das condições, dar suporte para que os filhos tivessem acesso a telefones ou notebooks com conexão de internet para participar das aulas remotas ou para enviar as atividades solicitadas pelos professores. Em relação a outros tipos de ajuda não sei informar, mas o que se observa é que, mesmo em períodos regulares, as famílias, com algumas exceções, ajudam pouco seus filhos.

O relato da professora B também demonstra a falta de participação da família nos estudos dos alunos: “Alguns possuíam suporte e apoio das famílias, mas uma grande parcela não”. Isso demonstra que, mesmo em tempos pré-pandêmicos, os pais ou responsáveis não consideram a questão educacional como uma tarefa sua, delegando esta responsabilidade exclusivamente para a escola.

## 5.2 A PERSPECTIVA DOS DISCENTES QUANTO AO ENSINO DURANTE A PANDEMIA

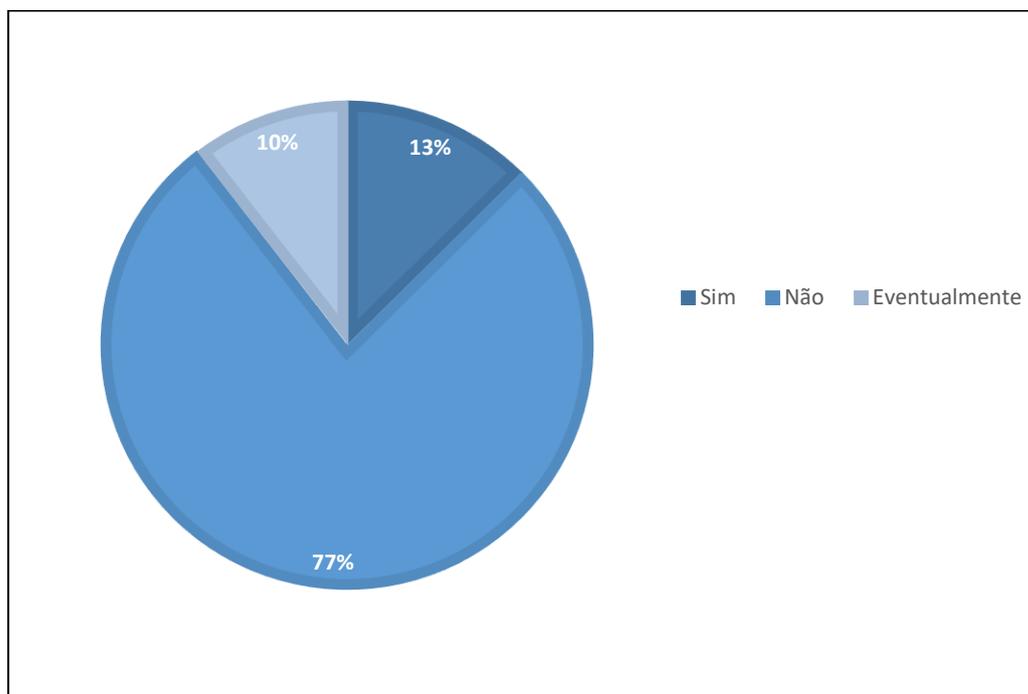
Concomitante às entrevistas realizadas junto aos professores, foram realizadas entrevistas com 48 alunos, que possuem entre 14 e 17 anos. A primeira pergunta realizada foi: Neste período de pandemia de Covid-19, em relação aos estudos de geografia, o que você mais achou difícil nas aulas remotas? Ao que, dos 48 respondentes, 26 estudantes relataram que tiveram muita dificuldade em aprender o conteúdo ministrado. Dentre as razões elencadas, citam-se: a impossibilidade de interagir com o professor, a dificuldade em acessar às aulas (por problemas de conexão, por exemplo), a falta de contato físico com professor e colegas, a dificuldade de fixação do conteúdo devido ao formato remoto das aulas, e a falta de atividades práticas.

Além disso, 10 estudantes citaram que tiveram dificuldades em prestar atenção na aula, enquanto 8 relataram não apresentar dificuldade nenhuma na modalidade de ensino adotada durante a pandemia. Na pesquisa de Lunardi *et al.* (2021), a falta de atenção também foi apontada por diversos pais e responsáveis como uma dificuldade a ser superada durante as aulas remotas.

Outras dificuldades citadas pelos alunos foram: acordar cedo, conteúdo muito básico e sem aprofundamento, falta de vontade e motivação para realização das atividades, distrações, e muito tempo em frente a telas, causando cansaço e dores de cabeça.

Os discentes foram questionados acerca da dificuldade de interação com seus colegas após a volta das aulas presenciais, ao que responderam, conforme Figura 2.

Figura 2 – Você tem tido dificuldade em interagir com os educandos após a volta às aulas presenciais?



Fonte: A Autora (2022).

É possível observar que a grande maioria (37 alunos) dos entrevistados não relatou problemas de comunicação e interação com os colegas após o retorno das aulas presenciais. Entretanto, para 6 alunos houve grande dificuldade e, para 5 alunos, algumas dificuldades de interação, principalmente no começo.

Ao serem questionados se as aulas estavam sendo executadas como antes da pandemia de Covid-19, os resultados foram bem heterogêneos: enquanto para 21 estudantes (o que representa 43,75% dos entrevistados) o formato das aulas está igual ao que era antes da pandemia, para 27 alunos (56,25%) houve mudanças consideráveis. O Quadro 1 mostra as mudanças observadas pelos alunos:

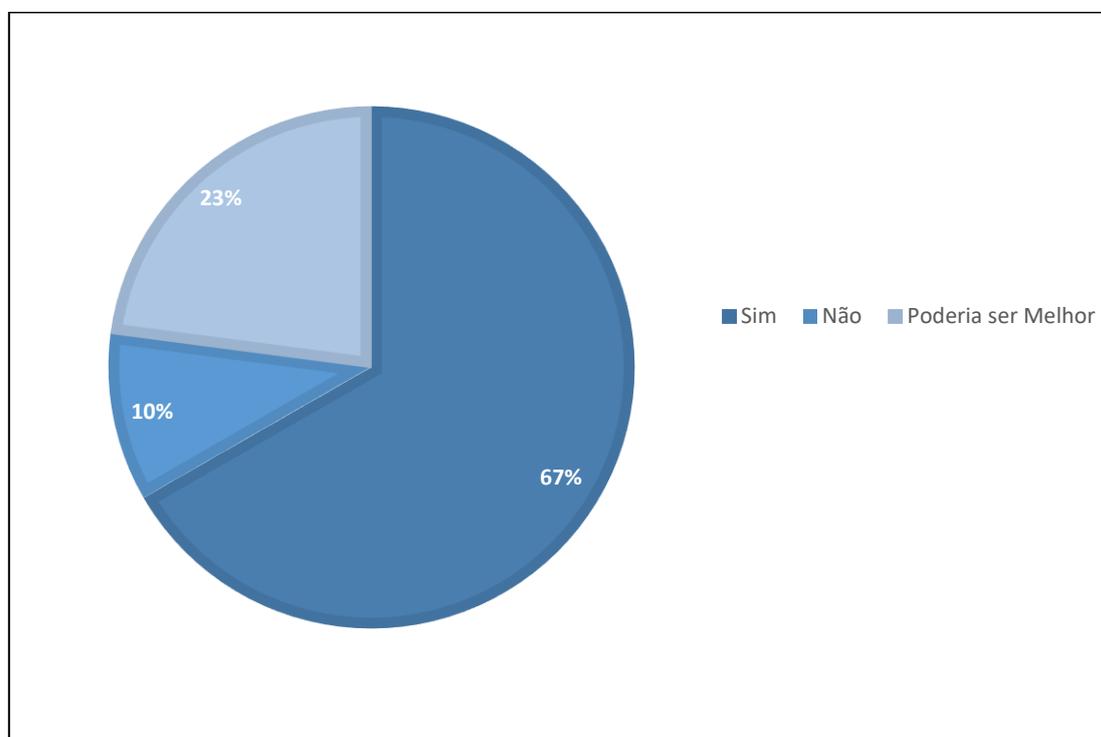
Quadro 1 – As aulas estão sendo executadas como antes da Pandemia Covid-19? Se não quais as diferenças?

Mudança observada	Número de alunos elencaram esta mudança
Não citaram o motivo, mas observaram mudanças	10
Mais conteúdo, atividades e provas	8
A tecnologia está mais presente	7
Anteriormente os períodos eram divididos em trimestre, e agora são em bimestre	1
Mais projetos de governo	1

Fonte: A Autora (2022).

O quarto questionamento realizado aos estudantes foi referente ao aproveitamento deste semestre (2º semestre de 2022). Os resultados obtidos podem ser observados na Figura 3:

Figura 3 – Você diria que seu aproveitamento nesse semestre foi bom?



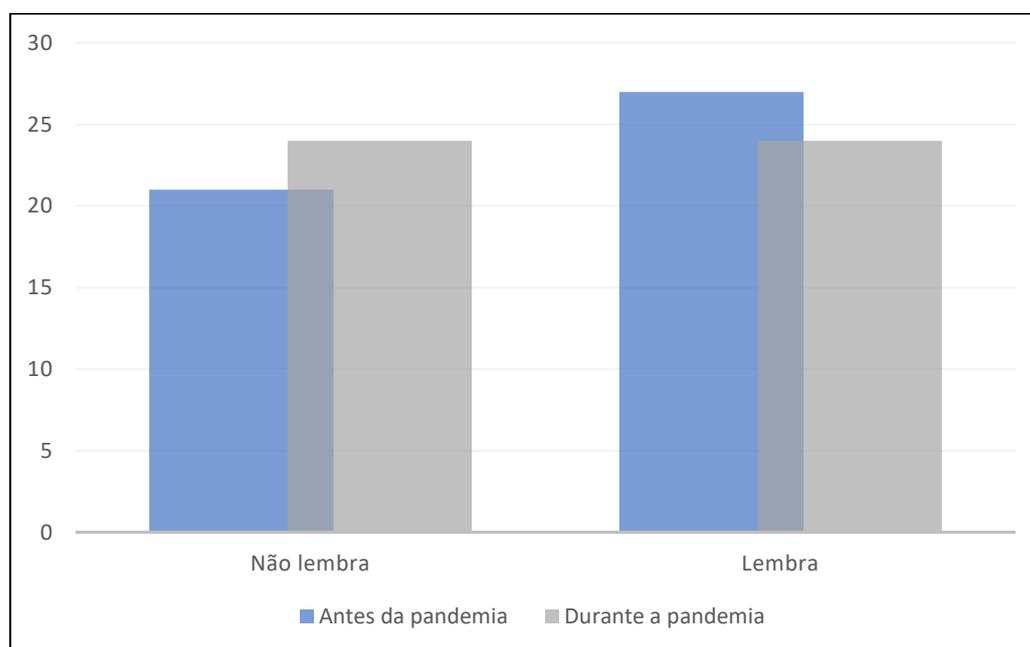
Fonte: A Autora (2022).

É possível perceber que, embora a maioria dos estudantes acredite que teve um bom rendimento neste semestre, 5 alunos relataram que não apresentaram um bom desempenho, enquanto 11 acreditam que poderiam ter se saído melhor.

Ao serem questionados se poderão utilizar os conhecimentos adquiridos na matéria de Geografia durante a pandemia de Covid-19 em sua rotina pessoal, mais da metade dos alunos (25 estudantes, o que corresponde a 52,1% do total) não acredita que fará uso do conteúdo aprendido. Alguns citaram, inclusive, que não se recordam do que foi estudado durante o período de pandemia. Por outro lado, 23 estudantes (47,9%) acreditam que irão utilizar, ao menos parcialmente, o conteúdo ministrado durante estas aulas, seja em ambiente de trabalho, em conversações informais, em viagens, e no cuidado com o meio ambiente.

As perguntas 6 e 7 questionavam se os alunos recordavam quais conteúdos foram ministrados no período anterior à pandemia e durante a pandemia. Os resultados obtidos podem ser observados na Figura 4.

Figura 4 - Quais conteúdos de Geografia você estudou antes e durante a Pandemia Covid-19?



Fonte: A Autora (2022).

Observa-se que mais da metade dos estudantes (56,25%) tem recordações do que estudou antes da pandemia. Os principais tópicos citados foram: clima, geopolítica, mapas geográficos, cartografia, regiões brasileiras, biomas, demografia,

fenômenos naturais, blocos econômicos, globalização e relevo. Por outro lado, 43,75% dos entrevistados diz não se recordar do que aprendeu na disciplina de geografia antes da pandemia.

Já no que se refere ao período de aulas remotas, metade dos estudantes diz não se lembrar do conteúdo ministrado, enquanto a outra metade cita alguns dos tópicos que recorda ter estudado durante a pandemia: questões sociais, agronegócio, organização do território brasileiro, demografia mundial e brasileira, revisão de conteúdos anteriores (como globalização e biomas), movimentos da terra e fenômenos climáticos.

Por fim, a última pergunta questionou de que forma se deu a abordagem do professor de geografia durante o ensino remoto, ao que os estudantes responderam:

- De forma simples;
- Através de apresentações e atividades;
- Por meio de explicação no *meet*;
- Através de atividades de revisão;
- Fazendo trabalhos e provas online;
- Explicando os conteúdos de maneira clara e compreensível;
- Através da leitura de livros;
- Tentaram se adaptar, mas foi difícil;
- Mandando *slides* do conteúdo;
- Fazendo uso do aplicativo *classroom*;
- Com materiais e aulas, porém de forma vaga;
- De forma mais rasa, sem aprofundamento;
- Da mesma forma que na escola, mas com maior dificuldade de entendimento.

É possível perceber que os alunos sentiram os efeitos do uso de plataformas digitais durante a pandemia, apresentando dificuldades em se aprofundar nos conteúdos ministrados. Além disso, um dos alunos citou que a professora tentou trazer mais interatividade nas aulas, estimulando o debate para despertar o interesse dos estudantes.

A falta de aprofundamento dos conteúdos também foi uma dificuldade elencada na pesquisa de Lunardi *et al.* (2021), que realizaram um estudo com o intuito de entender os principais problemas enfrentados durante o ensino remoto na pandemia.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia é uma disciplina escolar muito relevante para o estudo na educação básica, uma vez que ajuda a explorar e compreender o espaço e o lugar. Portanto, o ensino da geografia merece atenção, uma vez que a educação e os cuidados na educação básica têm sido objeto de constante transformação. Desta forma, o presente estudo analisou se houve mudanças significativas no processo de aprendizagem durante a pandemia dentro da educação básica em uma escola de Cerro Largo/RS e uma escola de Ubiretama/RS.

Portanto, o objetivo da presente pesquisa foi realizar um estudo de caso do ensino da geografia, buscando compreender as principais modificações no ensino da geografia no período da pandemia de Covid-19. Para isso, aplicou-se uma metodologia de análise qualitativa, onde foram realizadas entrevistas semiestruturadas junto a docentes e discentes da disciplina de geografia de duas escolas estaduais.

Realizou-se uma pesquisa em duas escolas estaduais da Região das Missões, no Rio Grande do Sul, com o intuito de compreender melhor como foi o ensino de Geografia no ensino médio, durante o período da pandemia de Covid-19. Desta forma, realizou-se uma pesquisa qualitativa, com docentes e discentes, precedida por uma revisão bibliográfica abrangendo a história do ensino de geografia e o ensino em tempos de pandemia.

Após a aplicação do questionário e análise dos dados obtidos, percebeu-se que as mudanças que ocorreram na forma de ensino e aprendizagem durante este período foram muito sentidas, tanto pelos professores quanto pelos alunos entrevistados. Quanto aos docentes, foi-lhes exigido que se adaptassem em tempo recorde para ministrar aulas inteiramente digitais, através de plataformas que não eram utilizadas corriqueiramente antes da pandemia. Desta forma, tiveram que reinventar sua metodologia de ensino, aliando seus conhecimentos às ferramentas disponíveis.

Dentre as principais dificuldades observadas pelas professoras, destaca-se a necessidade de motivação e engajamento constantes com os alunos, de modo a fazer com que os mesmos não perdessem interesse nas aulas. Além disso, problemas de conexão e de falta de equipamentos eletrônicos tiveram que ser superados, aliando

a isso o problema de falta de comprometimento e auxílio das famílias durante o estudo remoto.

Já no que se refere aos discentes, percebeu-se que muitos não conseguiram absorver o conteúdo ministrado durante as aulas online, apresentando ainda dificuldades de aprendizagem e incapacidade de prestar atenção às aulas online. Além disso, foram citados problemas de acesso às aulas. No retorno às atividades presenciais, alguns alunos demonstraram dificuldades de integração social, bem como dificuldade de foco nas aulas, o que pode ser devido ao longo período em que as aulas foram realizadas estritamente através de equipamentos eletrônicos.

Por fim, conclui-se que os resultados obtidos nesta pesquisa, embora reflitam uma realidade específica das escolas estudadas, pode ser observada em outros estudos semelhantes realizados no país. Desta maneira, espera-se contribuir para estudos futuros com esta temática. Como sugestões de pesquisas futuras, sugere-se incluir mais professores e alunos na amostragem, de diferentes escolas da região, de modo a obter um panorama mais preciso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

14ª CRE. CRE 14 - Santo Ângelo. Disponível em: < <https://educacao.rs.gov.br/14-cre-santo-angelo>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

CAMPOS, R. R. de. A Geografia Crítica brasileira na década de 80: tentativas de mudanças radicais. **Geografia**, Rio Claro, vol. 26, n. 3, 2001.

CARNEIRO, E. L. Professor trabalha conteúdos de Geografia com jogos digitais. Porvir, São Paulo, 2019.

CARVALHO FILHO, O. R. de; GENGNAGEL, C. L. Ensino de geografia em tempos da covid-19: tecnologias e uso de plataformas de educação para o ensino remoto em Ribeirão Preto/SP e em Passo Fundo/RS. **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 10, p. 88-94, julho de 2020.

CASSAB, C. **A geografia de Pierre Monbeig**. Clássicos da Geografia, UFJF, 2010.

CAVALCANTI, L. de S. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento. Belo Horizonte, 2010.

COREDE. **Perfil socioeconômico Corede**. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201603/28140705-perfis-regionais-2015-missoes.pdf>>. Acesso em 22 de novembro de 2022.

COSTA, J. A.; MACHADO, D. C. P.; COSTA, T. A.; ARAUJO, F. C.; NUNES, J. C.; COSTA, H. T. S. Dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto. **Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, vol. 1, 2021.

GUIMARÃES, I. V. Ensinar e aprender Geografia na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Ensino em Revista**, Uberlândia, vol. 25, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades – Cerro Largo**. IBGE, 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cerro-largo/panorama>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades – Ubiretama**. IBGE, 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/ubiretama/panorama>>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

JARDIM, A. C. S.; PEREIRA, V. S. **Metodologia qualitativa: É possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo**. In: Sociedade brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, SOBER 47º Congresso, Porto Alegre, 2009.

JESUS, J. S. de. A Inserção das novas tecnologias de comunicação e Informação no atual contexto do ensino de geografia. Universidade do Estado da Bahia, Bacharelado em Geografia, 2017.

JOHN HOPKINS UNIVERSITY. COVID-19 - **Dashboard by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU)**. Disponível em:

<[arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6](https://arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6)>. Acesso em: 20 de Setembro de 2022.

KAERCHER, N. A. A geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. Universidade de São Paulo, 2004.

LUNARDI, N. M.; NASCIMENTO, A.; SOUSA, N. R. M.; SILVA, J. B.; PEREIRA, T. G. N.; FERNANDES, J. S. Aulas Remotas Durante a Pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, 2021.

MANFIO, V. O ensino de geografia na pandemia Covid-19: uma análise das perspectivas do lugar através de histórias em quadrinhos pelos alunos da escola municipal de ensino fundamental Prof. Cândida Zasso de Nova Palma – RS. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 21, n. 2, p. 133-144, 2020.

MEC. **O que é a BNCC?** Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em: 19 de Dezembro de 2022.

MONBEIG, P. Papel e valor do ensino da geografia e de sua pesquisa. 1957.

NABARRO, S. A. O Ensino de Geografia: Tradução do texto de Reclus. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, vol. 11, n. 21, p. 05-11, 2021.

OLIVEIRA, V. H. N. Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19? **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, vol. 2, n. 1, p.1-15, 2021.

PEREIRA, L. A. G.; CORREIA, I. S.; OLIVEIRA, A. P. de. Geografia fenomenológica: espaço e percepção. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, vol. 11, n. 35, 2010.

PIMENTEL, A. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia**, vol. 12, n. 2, 2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; N. H. CACETE. **Para ensinar e aprender geografia**. Editora Cortez, 1ª edição, 2007.

REGO, N.; COSTELLA, R. Z. Educação geográfica e ensino de Geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. **Signos Geográficos**, Goiânia-GO, vol. 1, 2019.

ROCHA, S. A. Geografia Humanista: história, conceito e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RAEGA**, n. 13, 2007.

SANTOS, R. P.; JÚNIOR, J. M. M. N.; DIAS, M. A. A. As dificuldades e desafios que os professores enfrentam com as aulas remotas emergenciais em meio a pandemia atual. VII Congresso Nacional de Educação, Maceió, 2020.

SILVA, M. G. da; NORA, G. D. O Uso da Educomunicação no Ensino da Geografia em Tempos de Pandemia do Covid-19. Anais do XXIX Seminário de Educação, 2021.

VESENTINI, J. W. et al. **O ensino da geografia em questão e outros temas**. Editora Marco Zero, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1987.

## **ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFESSORAS**

1. Durante a Pandemia de Covid-19, qual foi o maior desafio para ensinar aos alunos a disciplina de geografia?

2. Houve suporte da escola para desenvolver as aulas remotas? Se sim, qual?

3. Você, como professor, contextualizou o surgimento da Pandemia de Covid-19 utilizando o conceito de espaço geográfico no período de ensino remoto?

4. Como os alunos eram antes da Pandemia de Covid-19 e como eles são agora, após a Pandemia de Covid-19?

5. Durante o período de aulas remotas, o que você como professor notou? Os alunos tinham suporte para as aulas? A família ajudava?

## ANEXO B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1. Neste período de Pandemia de Covid-19, em relação aos estudos de geografia, o que você mais achou difícil nas aulas remotas?

2. Você tem tido dificuldade em interagir com os educandos após a volta às aulas presenciais?

3. As aulas estão sendo executadas como antes da Pandemia de Covid-19? Se não, quais as diferenças?

4. Você diria que seu aproveitamento nesse semestre foi bom?

5. Você acha que poderá utilizar os conhecimentos adquiridos na matéria de Geografia durante a Pandemia de Covid-19 em sua rotina pessoal? Em qual?

6. Quais conteúdos de Geografia você estudou antes das Pandemia de Covid-19?

7. Durante a Pandemia Covid-19 quais conteúdos você estudou?

8. Como o professor abordou os conteúdos de Geografia durante a Pandemia de Covid-19?